

PRIVATIZAÇÕES, UM AVANÇO DO PAÍS



AS NOVAS CONCESSÕES DE AEROPORTOS REACENDE O DEBATE SOBRE A EFICIÊNCIA DAS PRIVATIZAÇÕES E A VALIDADE DESSE MODELO DE NEGÓCIO

Os debates sobre privatizações, invariavelmente, levam ao campo das divergências. Por isso, não causaram grande surpresa as reações ao recente leilão promovido pelo governo federal, envolvendo três dos principais aeroportos brasileiros - Brasília, Campinas e Guarulhos.

O que está em jogo é a questão da produção e da qualidade dos serviços oferecidos ao público no setor aeroportuário, a partir da realidade atual, sua infraestrutura e capacidade de atendimento em relação à demanda existente. E nesse quadro a "gestão" é o problema a ser considerado, um denominador comum na administração pública, na maioria das empresas estatais, onde há desperdício de recursos, conceito de eficiência pouco significado, custos operacionais, produtividade e onde preços finais ou tarifas são indiferentes às regras do mercado e da concorrência. Enfim, onde não há o espírito empreendedor.

Portanto, esse parece o ponto central a ser focado e, aqui, entra em cena a Infraero, empresa responsável pela atual gestão dos aeroportos. Assim, ao decidir pela "privatização" ou "concessão" dos aeroportos à iniciativa privada, o governo federal deu mostras de estar convencido da necessidade de buscar eficiência e lucratividade, base para a abertura e expansão de novos mercados, de novos negócios, no próprio setor e em outros de seu interesse e do meio empresarial. Essa é a lógica quando o objetivo é a melhoria na infraestrutura, na qualidade dos serviços aos usuários dos transportes aéreos.



pág. 02
NEGÓCIOS

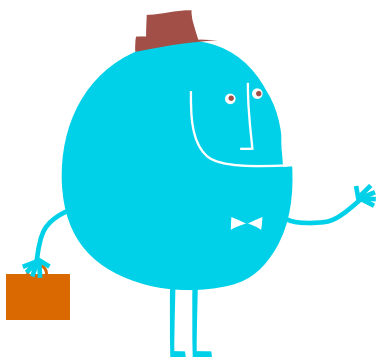
BRAiN E FecomercioSP firmam parceria para crescer a competitividade do País

pág. 03
EXPORTAÇÃO

Empresários brasileiros sofrem com burocracia ao tentar exportar

pág. 04
OURO

O metal se valorizou durante 2011 ultrapassando bolsa e dólar



A BRAIN E FECOMERCIO SP NO AMBIENTE DE NEGÓCIOS

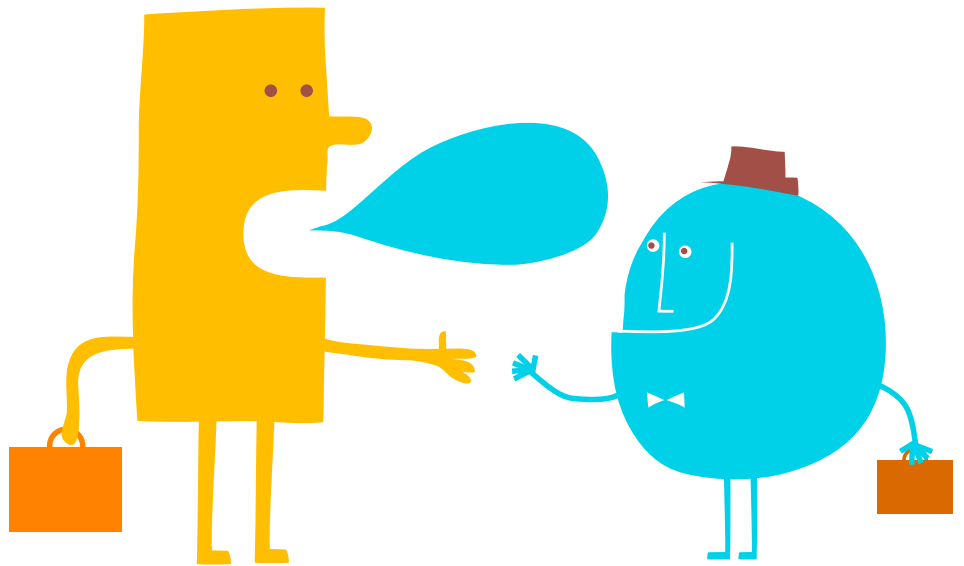
AS DUAS ENTIDADES TÊM AGENDAS COINCIDENTES EM PROL DO AMADURECIMENTO DO MERCADO E SE UNEM PELO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

A *Brasil Investimentos e Negócios (BRAiN)* tem como seu principal foco tornar o Brasil um grande polo de negócios, com especial atenção à capital financeira do País, São Paulo. A cidade já é, sem dúvida, um dos grandes portos de atração para investimentos, negócios, eventos, empresas e empresários. Todavia, o resultado ainda está muito aquém do potencial. O ideal da BRAiN é justamente tornar São Paulo – e por consequência o Brasil – no hub de negócios para a América do Sul, e, quem sabe, para todo Hemisfério Sul. Condições econômicas, estratégicas e geográficas para isso existem.

O objetivo de aproveitar o bom momento do País em termos de crescimento e reconhecimento internacional para torná-lo uma economia que realmente premia e estimula o empreendedorismo, com melhores condições para grandes, médias e pequenas empresas é totalmente coincidente com as diretrizes da FecomercioSP.

No momento em que o Brasil se tornou um dos maiores receptores de investimento estrangeiro direto do mundo (recebeu mais de US\$ 60 bilhões líquidos em 2011, ficando atrás somente da China), é bastante razoável que almejemos uma posição estratégica de destaque como liderança regional, e, em alguns casos, mundial, como por exemplo, na produção de commodities agrícolas.

A FecomercioSP atua, mediante padrões científicos e pesquisas, para melhorar efetivamente o arcabouço legal, hoje é muito hostil ao investimento produtivo privado. Suas várias pesquisas com empresários e consumidores, as análises e seu corpo técnico estão sempre pensando nos negócios e nos resultados do empresariado do setor de comércio, serviços e turismo paulista. Por extensão, a FecomercioSP contempla o empresariado brasileiro de todos os setores. Exatamente por isso e, por perceber a sinergia entre os objetivos da BRAiN e seus próprios, é que a Federação participa de diversos grupos de trabalho voltados a ampliar as van-



tagens brasileiras, reduzir os entraves de negócios e encampar o objetivo de ver São Paulo – e o Brasil – liderando um grande bloco de economias no século 21.

Nesse momento, a Federação participa de Grupos de Trabalho (GTs) – que são pragmáticos e pouco consultivos – de imagem, jurídicos, de gerenciamento e desenvolvimento de talentos, e, principalmente, do GT Doing Business (Fazendo Negócios), o mais relevante e afim de sua estratégia.

Não existe instrumento ideal para avaliar as condições relativas de negócios em diversos países. Por isso, escolheu-se como ponto de partida o relatório “Doing Business do International Finance Corporation” do Banco Mundial (IFC), que avalia mais de 180 nações sob os seguintes focos:

1. Abertura de Empresas
2. Licenças para Construção
3. Registro de Propriedade
4. Obtenção de Crédito
5. Proteção a Investidores
6. Pagamento de Impostos
7. Comércio Internacional
8. Cumprimento de Contratos
9. Fechamento de Empresas

Para cada uma dessas dimensões são avaliados diversos itens. Esse trabalho é feito por empresários e analistas em atuação no país em foco, ou seja, são brasileiros ou estrangeiros que avaliam o País. Analisando detida e cuidadosamente o relatório do IFC chegamos a duas conclusões principais:

1. O Brasil tem muito a fazer para que seu ambiente de negócios seja compatível com seu tamanho, importância e necessidades;
2. Os resultados referentes ao Brasil no relatório “Doing Business” não correspondem exatamente com as nossas condições de realidade.

O Brasil pode e deve melhorar em vários aspectos das nove dimensões listadas, como, por exemplo, facilitar a abertura e o encerramento de uma empresa, garantir maior proteção ao crédito e reduzir os entraves para importar e exportar. Nesse sentido, a FecomercioSP já conta com alguns projetos que, de forma bastante simples, podem contribuir para amenizar os entraves que todo empresário conhece.

EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO EXTERIOR É MARGINALIZADO

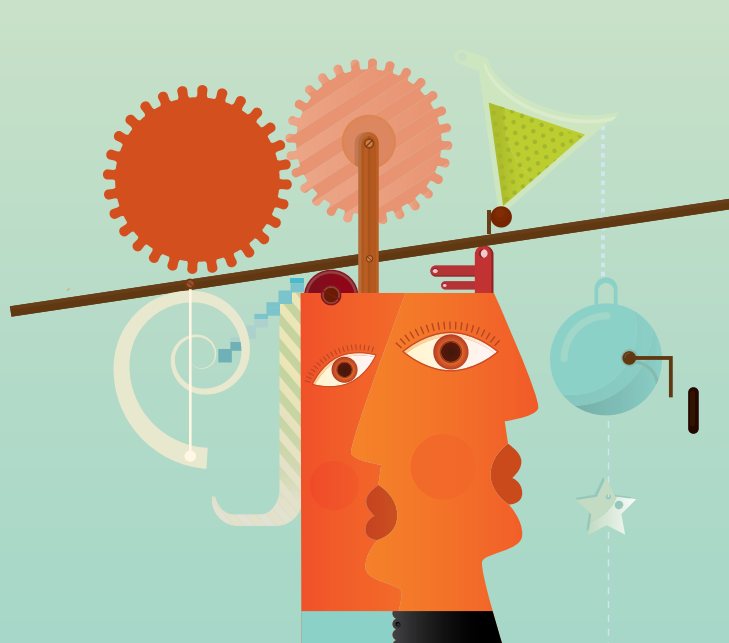
BUROCRACIA IMPEDE QUE EMPRESAS DE PEQUENO PORTE CONQUISTEM O MERCADO EXTERNO, SITUAÇÃO QUE IMPACTA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA

Que é difícil importar e exportar no Brasil, isso é um fato bem sabido. Que a burocracia torna a vida das empresas ainda mais difícil, isso também não chega a ser novidade. Que as pequenas empresas estão basicamente impossibilitadas de participar do comércio externo, também é reconhecido. Todavia, em artigo recente da Folha de S.Paulo, o ambiente de negócios com o exterior foi melhor dissecado, e as condições são estapafúrdias de tão ruins.

A FecomercioSP é a entidade do livre mercado, que deseja promover a melhoria do arcabouço de condições necessárias à livre iniciativa e ao desenvolvimento social e econômico do País. Nesta condição, a entidade entende que a integração global não só é desejável, como também um caminho sem volta, com seus custos e benefícios.

No Brasil existem 19 mil empresas de exportação e 43 mil de importação, um número muito baixo para as mais de cinco milhões de empresas que estão sediadas no Brasil. Não é

para menos, pois os exportadores e importadores estão sujeitos até 12 carimbos de aprovação em órgãos diferentes, mais de 100 legislações para a área e, pelo menos, 130 tributos distintos. Essa situação é, além de custosa em termos financeiros, extremamente onerosa em burocracia e perda de tempo. Um cenário que desestimula o crescimento e o desenvolvimento da economia. É impossível, definitivamente, para imaginar um setor de comércio externo realmente pujante dentro desse ambiente absolutamente castrador.



3º PRÊMIO
FECOMERCIO
de sustentabilidade

O MUNDO PRECISA
DE NOVAS IDEIAS.
VOCÊ TEM ALGUMA?

Realização:



FECOMERCIO SP
Representa muito para você.

Apoio:

Coordenação Técnica:



CENTRO DE DESENVOLVIMENTO
DO VAREJO RESPONSÁVEL

Para mudar hábitos e impactar a sociedade, a economia e o meio ambiente de maneira positiva, precisamos colocar novas ideias em prática. Se você pensa desta maneira, participe do **3º Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade**, que vai destacar práticas e projetos realmente inovadores.

Inscrições abertas. Para mais informações, acesse: www.fecomercio.com.br/sustentabilidade

O FETICHE DO OURO ESTÁ DE VOLTA COM BOAS RAZÕES

OPÇÃO DE INVESTIMENTO RENDEU MAIS QUE OUTROS PRODUTOS FINANCEIROS TRADICIONAIS

Em 2011, as aplicações em Bolsa tiveram rendimento negativo de 18%. Quem aplicou em títulos rendendo 100% do CDI recebeu quase 12% de remuneração bruta, mais ou menos o mesmo do que obtiveram aqueles que compraram dólares no último dia de 2010 e venderam no último dia de 2011.

Na realidade, o investimento em dólares em papel moeda não é exatamente um investimento, sendo mais uma aposta especulativa na reserva de valor da moeda americana. Também é bom lembrar que o dólar somente reagiu no último trimestre de 2011 após medidas do governo, o que não torna a aplicação em si muito atraente, justamente pela falta de previsibilidade e, também, pela tendência de queda que já foi retomada nas últimas semanas.

O investimento em Bolsa era rechaçado em 2011, e agora consta da lista daqueles que devem render bons frutos neste ano, porém sempre se considerando o caráter muito volátil desse mercado, o que espanta os investidores de poucos recursos ou avessos ao risco, como deve mesmo ser.

Por outro lado, o investimento em CDI rendeu liquidamente acima da inflação, como tem ocorrido desde o início do Plano Real, ou seja, é quase uma “barbada” e, como tal, também tem rendido relativamente pouco, para padrões brasileiros do passado (o que ainda é exageradamente alto para modelos americanos, europeus e japoneses).

Ficou faltando uma opção de investimento, que a rigor tem sido muito procurada ultimamente e tem mantido bons resultados: o ouro. No curto prazo, a aposta continua a ser boa. Toda vez que o mundo se encontra em períodos de crise econômica, as apostas no mercado financeiro acabam por privilegiar ativos reais, em especial o ouro. O ouro tende a ser a principal aposta de reserva de valor, justamente quando Estados Unidos, Europa, China e Japão mantêm políticas cambiais que provoquem desvalorizações de suas respectivas moedas.

Essa “guerra” cambial acaba por ser inócua em termos relativos, mas, por outro lado, faz com que agentes econômicos deixem suas posições nessas moedas e optem por esses ativos reais como ouro, platina e petróleo. Ou seja, a valorização recente de algumas commodities não tem correlação apenas com a oferta e demanda física, mas também embutem uma parcela da demanda de ativos financeiros lastreados em ativos reais e ainda pelo aumento da procura física apenas para efeito de estocagem e não de consumo. Para estas finalidades, ouro, prata e platina são melhores opções que trigo, gado ou petróleo, dada a extrema facilidade de estoque no caso da demanda física.

Neste momento, com uma vantagem: como há receio de que a espiral de desvalorizações cambiais recíprocas acabem por

provocar a alta indiscriminada de ativos ao redor do mundo, o ouro hoje pode ganhar valor frente às principais moedas, pelo menos no curto prazo.

O que deve ser dito é que essa condição não é sempre válida, até porque o ouro também pode ser, em algum momento futuro, preterido como opção de reserva de valor ou investimento. Basta para isso que algumas economias de grande porte decidam vender parte de suas reservas em ouro. Ou basta que se volte a confiar em alguma moeda como fonte de segurança, como o dólar por exemplo. Neste momento, o ouro perderia valor relativo.

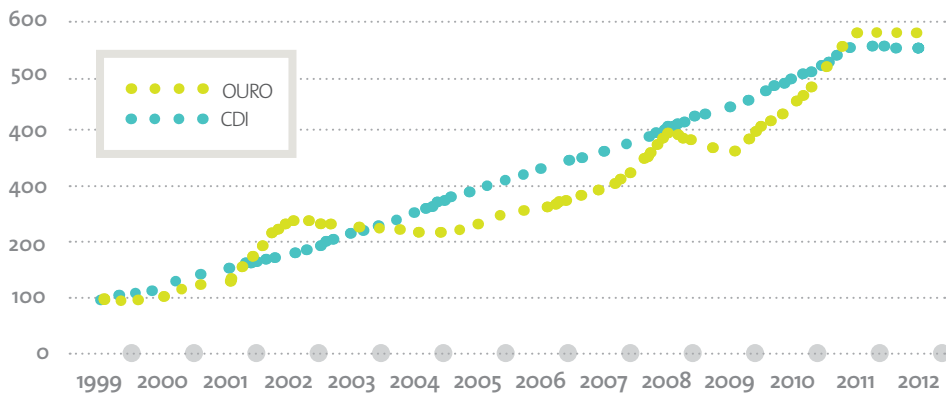
Ao longo do tempo, aplicar em ouro tem sido vantajoso, principalmente na última década ou um pouco mais. Porém, isso não é uma verdade linear e garantida. No longo prazo acumulado, ainda não existe nada que bata a renda fixa brasileira.

No gráfico abaixo, os anos em que a aplicação em ouro bateu o rendimento do CDI.

Para 2012: as aplicações em CDI devem se manter rendendo mais que a inflação, mas como ainda é esperado que as economias centrais e suas moedas se mantenham cambaleantes, aplicar em ouro e renda variável pode ser uma boa diversificação para o investidor.

Na hora de vender, tanto ações quanto ouro, o ideal é também procurar grandes bancos, corretoras e profissionais de confiança para a realização dos negócios.

RENDIMENTO COMPARATIVO ENTRE O OURO E CDI



ECONOMix **FECOMERCIO SP**
Representa muito para você.

PRESIDENTE: ABRAM SZAJMAN
DIRETOR EXECUTIVO: ANTONIO CARLOS BORGES
COLABORAÇÃO: ASSESSORIA TÉCNICA
COORDENAÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO:
FISCHER2 INDÚSTRIA CRIATIVA
EDITOR CHEFE: JANDER RAMON
EDITORA EXECUTIVA: SELMA PANAZZO
PROJETO GRÁFICO E ARTE: TUTU
FALE COM A GENTE: AJ@FECOMERCIO.COM.BR
RUA DR. PLÍNIO BARRETO, 285 - BELA VISTA - 01313-020
SÃO PAULO - SP - WWW.FECOMERCIO.COM.BR